

Editorial

¿Educação para a paz?

Fabio Alberto Garzón Díaz, Ph.D.

Fecha de publicacion en linea: 1 de diciembre de 2017

DOI: <http://dx.doi.org/10.18359/reds.3249>

Em 26 de setembro de 2016, no Pátio de Banderas do Centro de Convenções Julio César Turbay, em Cartagena, foi realizada a assinatura protocolar do Acordo Final de Paz entre o Governo colombiano e o grupo guerrilheiro das FARC. Este ato representou para os colombianos que nascemos depois de 1964 (data do início desta guerrilha) uma luz de esperança para estas gerações que crescemos no meio do conflito.

As gerações que crescemos com o horror do cruel e derramamento de sangue de nossos compatriotas fomos as que por mais de 50 anos contemplamos o sofrimento de mães viúvas e de crianças órfãs que não podiam explicar ;por que lhes tinha acontecido para eles! Somos umas gerações que crescemos com a demência e a esquizofrenia da guerra.

Agora, não acredito que exista um ser racional que argumenta que a cessação da guerra com as FARC é uma batalha perdida ou uma perda de nossa democracia. Para mim, como acadêmico, foi a vitória total da racionalidade dialógica versus a racionalidade instrumental, nas palavras de Habermas. Com isso, não quero dizer que todos os problemas tenham sido resolvidos e que o acordo seja perfeito, mas é uma luz no final do túnel.

Hoje estamos falando de pós-conflito e educação para a paz, e desde o editorial da revista nos perguntamos: o que significa uma educação que promova a paz? A educação para a paz é entendida como o processo de aquisição dos valores e conhecimentos, bem como as atitudes, habilidades e comportamentos necessários para alcançar a paz, entendida como viver em harmonia com si mesmo, outros e com o meio ambiente (Smith-Page, 2008).

No entanto, esse conceito não é novo. Já a tradição grega se fazia as mesmas perguntas: para que tem que se educar? Por que tem que se educar? Como é tem que ser educado? Quem é o responsável de educar?

Para Aristóteles (2014) educar é ensinar a viver, mas não viver de qualquer forma; educar para a vida é educar para ser feliz (I 13, 1102a26-3a10). O forte acento de Aristóteles é o conceito de felicidade (Eudaimonia): a felicidade não é prazer, riqueza, poder ou o reconhecimento social, etc. A felicidade consistirá em um modo de vida adequado ao ser humano, em um modo de viver digno e satisfatório. Para Aristóteles (2006), o que caracteriza ao ser humano é a inteligência e a razão; portanto, seu modo de vida especificamente humano consistirá em viver de forma racional. Isto último significa cultivar o conhecimento, exercer a atividade intelectual, além de acomodar os desejos e paixões aos ditames da razão (VII 15, 1334b15 ss.). Existe alguma coisa mais racional que a convivência em paz e harmonia?

Orçamentos para uma educação para a paz:

1. Educar para a colaboração: o homem é feito para viver na sociedade. A pessoa carrega dentro de si mesmo a necessidade de viver na dependência, no relacionamento e na colaboração mútua.
2. Educação em matéria de direitos humanos: “A educação deve visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais; promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre as nações e todos os grupos étnicos ou religiosos e promoverá o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz “(Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, art. 26.2.).
3. Educação na liberdade: “Todos os seres humanos devem poder, graças à educação recebida na juventude, dotar-se de um pensamento autônomo e crítico e de elaborar seu próprio julgamento, para determinar por si mesmos o que devem fazer nas várias circunstâncias da vida [...] Mais do que nunca, a função essencial da educação é conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, de julgamento, de sentimentos e de imaginação que necessitam para que seus talentos atinjam sua plenitude e continuam sendo artífices, na medida do possível, do seu destino “(Unesco, 1996, p.12).
4. Educação para a convivência e a resolução de conflitos: a coexistência é ensinada, é aprendida, é vai-se construindo. O Relatório da Comissão Internacional da Unesco sobre a educação no século XXI salienta como um dos pilares básicos da educação é o aprender a conviver juntos: “A educação ao longo da vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender para fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (...) Aprender a viver juntos desenvolvendo o entendimento do outro e a percepção das formas de interdependência (realizar

projetos comuns e se preparar para lidar com os conflitos) respeitando os valores do pluralismo, entendimento mútuo e paz” (Cf. Garzón (2017), pp. 12 e ss).

5. Educação na tolerância e o diálogo: as atitudes para uma convivência que tenta evitar a discriminação de pessoas e dos grupos: • o PLURALISMO, que valora com igual importância a igualdade e a diversidade dos seres humanos; • a TOLERANICA de tudo o que contradiz nossas ideias e valores; • o DIÁLOGO, como instrumento essencial na resolução de problemas sociais: o reconhecimento da dignidade da pessoa e dos seus direitos fundamentais é o pilar básico da convivência humana e supõe o princípio da não discriminação e as atitudes de respeito, justiça e tolerância (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. artigos 26 e ss).

Devemos aprender a dialogar: “Um diálogo também é aprendido. Não nascemos ensinados pra quase nada. Temos que aprender obrigatoriamente, se quisermos continuar a existir, as possíveis respostas aos diferentes estímulos. Portanto, nos seres humanos, os erros são mais freqüentes do que os acertos, e dizemos que aprendemos de eles. O diálogo não é simplesmente falar. A presença do outro, como interlocutor, estabelece umas condições que devem ser respeitadas e, portanto, aprendidas. Para que o diálogo ocorra, como comunicação interpessoal, alguns requisitos devem ser atendidos. Ou seja, as atitudes e habilidades devem ser aprendidas” (Ortega, Mínguez e Gil, 1996, página 56).

6. Educação para a democracia: este último é, de fato, uma coleção de desentendimentos com base em um único acordo: coexistir apesar de todas as diferenças, sem uma mente tente dominar as outras e sem que uma posição tente eliminar a outra ou ao possuidor de uma mente diferente ou de uma posição diferente. A democracia é duas coisas: o direito de cada pessoa à igualdade e o igual direito de ser diferente. Tudo isso é possível só se no centro de nossas diferentes convicções religiosas, ideológicas, étnicas e históricas, agimos com tolerância, e que isso vai de pessoa para pessoa, de sociedade para sociedade, de país para país, de um lugar sagrado para outro lugar sagrado (Simon Peres, ex-primeiro-ministro de Israel)
7. Educação na cidadania: a educação para uma cidadania ativa envolve a educação em valores democráticos, desenvolvimento moral e desenvolvimento de competências comunicativas — competência cidadã por excelência —, aprendizagens para entender nosso mundo e a participação em uma cidadania colaborativa; mas, além disso, deve promover uma cidadania reflexiva e responsável por conhecer e sentir interpelado pelo outro: uma cidadania ética (Martínez-Martín e Carreño-Rojas, 2014, pp. 153-160).

8. Educação para a cooperação: “A cooperação entre as crianças é tão importante quanto a intervenção dos adultos. Do ponto de vista intelectual, é a mais apta a favorecer a verdadeira troca de ideias e discussões; isto é, todos os comportamentos capazes de educar a mente crítica, a objetividade e a reflexão discursiva. Do ponto de vista moral, leva a pôr em prática os princípios que governam um comportamento e não apenas a uma submissão externa “(Jean Piaget, citado em Zurbano, 1988).
9. Educação para a solidariedade: a coexistência pacífica não é possível sem a solidariedade. No conceito de solidariedade, encontramos três componentes essenciais: 1) Compaixão: a solidariedade supõe, acima de tudo, um sentimento de fraternidade, pelo qual se sente afeição aos sofrimentos e necessidades dos outros como se fossem seus; 2) reconhecimento: para que esta gere solidariedade é necessário reconhecer a dignidade pessoal dos outros. A solidariedade tem assim rosto: são outras pessoas, com a mesma dignidade que eu, aqueles que me questionam desde suas necessidades e me exigem uma resposta; 3) universalidade: para ser solidário, há que ter sentimentos de compaixão e de ajuda para toda a humanidade, sem fronteiras de qualquer tipo (político, religioso, étnicas, culturais, econômico ...), exceto por uma maior sensibilidade para os mais fracos e necessitados (Ortega, Mínguez e Gil, 1996).
10. Educação para a Paz: 1) assumir a educação para a convivência pacífica como uma opção educativa, com o compromisso de lhe dar um tratamento transversal; 2) Analisar criticamente a realidade, com atenção especial a tudo relacionado à convivência de pessoas, grupos e povos; 3) elaborar a educação para a convivência pacífica que trabalharemos com estudantes; 4) identificar a presença da educação para coexistência pacífica no currículo escolar; 5) inserir educação para coexistência pacífica no currículo escolar e nas programações da sala de aula (Zurbano, 1988).

Estou convencido de que educar para a paz é educar para formar cidadãos íntegros com múltiplos valores; tem, além disso, um componente fundamentalmente ético e, portanto, político. A educação para a paz deveria contribuir para buscar uma justiça social com que todos os colombianos possam viver com o mínimo de dignidade e qualidade de vida.

Referências

18

- Aristóteles (2014). *Ética a Nicômaco*. Madrid: Aliança.
Aristóteles (2006). *Política Madrid*: Espasa livros.

- Nações Unidas (1948). *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Recuperado de <http://www.un.org/universal-declaration-human-rights/>
- Garzón, F. (2017). Editorial. *Aprendizado baseado em problemas*. Revista Educação e Desenvolvimento Social, 11 (1), 8-23.
- Martínez-Martín, M. e Carreño-Rojas, P. E. (2014). Pensar a educação com Guillermo Hoyos-Vásquez. *Magis. Revista Internacional de Pesquisa em Educação*, 6(13), 153-160.
- Ortega, P., Mínguez, R. e Gil, R. (1996). *Valores e educação*. Barcelona: Ariel Educação.
- Smith-Page, J. (2008). *Peace Education: Exploring Ethical and Philosophical Foundations*. Charlotte: Information Age Publishing
- Unesco (1996). *A educação possui um tesouro*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional de Educação para o Século XXI. (compêndio).
- Zurbano, J. (1988). *Bases de uma educação para a paz e convivência*. Pamplona: Pre-Texts.